

# IMPLICAÇÕES DO PENSAMENTO FEYERABENDIANO PARA A COMUNICAÇÃO DA CIÊNCIA

## The implications of the feyerabend's thought to the science communication

Deivide Garcia da Silva Oliveira<sup>1</sup>; Darcy Ribeiro de Castro<sup>2</sup>

1. UFBA, PPGEFHC-IF, [deividegso@gmail.com](mailto:deividegso@gmail.com)

2. UFBA, PPGEFHC-IF, [darcy-castro@ig.com.br](mailto:darcy-castro@ig.com.br)

### Resumo:

É coisa comum considerar a filosofia de Feyerabend como uma perspectiva pouco fértil e que, se utilizada no empreendimento científico, provavelmente seria capaz de produzir uma desordem paralisante dessa atividade humana.

De modo similar, não foram raras as vezes que se classificou pejorativamente a Feyerabend por meio da análise que este realizou, no *Contra o Método*, acerca da ciência.

Conseqüentemente, em certa medida tal análise contribuiu para a construção da imagem de uma filosofia feyerabendiana perniciosa ao conhecimento (como exemplo disso na literatura inglesa tem-se Machamer, Thomason, McMullin, Chalmers ou na literatura espanhola Rioja e Recio).

Contudo, ao passo que algumas afirmações pareciam considerar o estudo de Feyerabend acerca das ciências como algo recheado de anacronismo e historicamente falho (tal como no caso Galileu), por outro lado também havia escritos que via os estudos da filosofia da ciência de Feyerabend como algo legítimo (como exemplo tem-se em certa medida Évora, na literatura inglesa D. Lamb, G. Munévar, J. Preston e outros).

Neste sentido, este trabalho visa contribuir para uma tendência atual que redireciona a filosofia anarquista feyerabendiana. Este *novo* sentido tem inúmeras conseqüências para o conhecimento e para a ciência em seus vários aspectos internos e externos. Um desses aspectos externos é a Comunicação da Ciência. Assim, como objetivo maior pretende-se aqui esclarecer quais as possíveis e mais básicas derivações dessa forma de entendimento da filosofia de Feyerabend sobre a comunicação da ciência e, assim, para a própria ciência como uma atividade também social, já influenciada e ainda influenciável. Desse modo, nosso trabalho se divide em duas partes. Na primeira parte, trataremos de dar ao leitor um rápido, mas claro entendimento do que pretendemos com “re-direção” da filosofia de Feyerabend. Na segunda parte, a nossa preocupação será mostrar a relação desse *novo* sentido com a comunicação da ciência e os benefícios trazidos.

Palavras-chave: Feyerabend, comunicação da ciência e anarquismo.

### ABSTRACT

It's common to consider Feyerabend's philosophy while a unfertile perspective and that, if used in the scientific activity, it would probably be able to produce a paralyzing disorder that human business.

Similarly, many times the Feyerabend's philosophy was pejoratively classified just because your analyzing way the science in your book *Againstst Method*.

Therefore, in some way that analysis helped to build the image of a pernicious feyerabendian philosophy to the knowledge (as example that in the English literature there are: Machamer, Thomason, McMullin, Chalmers; and in the Spanish Rioja e Recio).

However, insofar some claims seems to considerer the study of Feyerabend about science as something full of anachronism and historically flawed (as in the Galileo case), on the other hand had also written that saw the feyerabendian's perspective about the philosophy of science studies as something legitimate (such as it has Évora and in English literature D. Lamb, G. Munévar, J. Preston and others).

In this way, this paper aims to contribute to a current trend that redirects the feyerabend philosophy. This new direction has numerous consequences to the knowledge and the science in its various internal and external aspects. One of these externals aspects is the science communication. Thus, as larger goal here we will intended to clarify which the possible and most basic derivations these form of understanding of the Feyerabend's view about the science communication and, thus to the science itself as a social activity also already influenced and still supple.

Therefore, this paper is divided into two parts. In the first section, we will try to give the reader a quick, but clear understanding about what we want to say with "redirection" of the Feyerabend's philosophy. In second part, our concern will be to show the relationship of that new direction in the science communication and his benefits.

**Keywords:** Feyerabend, science communication and anarchism.

## 1-Introdução

A comunicação<sup>1</sup> da ciência se efetua por meio de muitos fatores e, desse modo, acaba também atuando em diversas atividades humanas, entre elas, a científica. Hoje em dia, isso não é em geral uma novidade para os filósofos da ciência.

A título de exemplo – embora não se possa afirmar que no pensamento feyerabendiano haja terminologicamente o emprego das expressões *comunicação da ciência, divulgação científica e etc.* – pode-se encontrar no filósofo Feyerabend a percepção da necessidade de que a filosofia da ciência precisa voltar seus esforços para a construção da imagem de uma forma de se falar sobre a ciência que esteja preocupada não apenas com os resultados da atividade científica, senão também e principalmente com o processo que dá base a esse resultado<sup>2</sup>.

Neste sentido, fica claro que a filosofia da ciência enquanto um campo que se dedica a pesquisar as ciências em seus aspectos internos e externos, não pode deixar de estudar a forma de comunicação desta última e, por esta razão, a comunicação da ciência é um elemento a mais com o qual os filósofos da ciência precisam lidar.

Conseqüentemente, a preocupação de Feyerabend com a comunicação da ciência está baseada no fato de que tanto esta última quanto o objetivo da sua filosofia mantêm uma relação muito próxima com a sociedade e, assim, também com a educação em geral desta.

Nestes moldes, nosso objetivo aqui é refletir sobre quais seriam supostamente as boas implicações ou benefícios trazidos pela filosofia feyerabendiana para a comunicação da ciência (considerando-se esta como um fato social<sup>3</sup>).

Naturalmente, no caso de Feyerabend as implicações de sua filosofia para a comunicação da ciência são muito amplas e dependem, em grande medida, de como as pessoas costumam interpretar a filosofia desse filósofo.

A partir de então, cabe aqui um esclarecimento prévio de como entendemos que deve ser feita a interpretação da filosofia de Feyerabend e, *a posteriori*, far-se-ão as conexões possíveis e produtivas da filosofia anarquista desse filósofo com e para a

---

<sup>1</sup> Vale esclarecer que o conceito de comunicação aqui é o mesmo que no texto de Alfredo Marcos: “Sempre que essa ‘coisa’ que ‘alguém sabe’, e que transmite a outro, se refira a ciência ou a tecnologia, estaremos falando de comunicação da ciência.” (tradução nossa). Cf. MARCOS, A. *Ciencia y acción. Una filosofía práctica de la ciencia*. FCE, México, 2010, p. 123.

<sup>2</sup> FEYERABEND, P. *Contra o Método*. Trad. Cezar Augusto Mortari. 3ª ed. São Paulo:UNESP, 2007, p.14

<sup>3</sup> MARCOS, A. *Ciencia y acción. Una filosofía práctica de la ciencia*. FCE, México, 2010, cap-6.

comunicação da ciência ou, melhor, *comunicação das ciências e do conhecimento em geral* (ainda que só usemos durante o texto a expressão comunicação da ciência).

## 2-Propedêutica à filosofia anarquista feyerabendiana

A filosofia de Feyerabend é generosa quanto à variedade de temas que efetivamente mantém relação e/ou quanto àqueles que claramente podem manter diálogo. Ademais, a própria filosofia de Feyerabend é demasiada ampla para ser esmiuçada tão brevemente.

Por este motivo, os elementos a serem abordados neste tópico não passam de prolegômenos tematicamente focalizados da filosofia anarquista de Feyerabend. Em virtude desse aspecto, tópicos importantes do anarquismo feyerabendiano tais como o *pluralismo metodológico*, o *princípio de “tudo vale”*, *de proliferação*, *de tenacidade* e ainda outros elementos, ficarão sem atenção ou sem a devida atenção.

Não obstante, a explicação básica sobre redefinição do que se deve entender por anarquismo e as conseqüências dessa realocação conceitual serão suficientes para os propósitos objetivados neste texto.

Tradicionalmente, o anarquismo feyerabendiano é tratado basicamente de duas formas. A *primeira* é uma perspectiva filosófica que promoveria, se houvesse sido aceita pelos pesquisadores, uma forte desordem na infra-estrutura do conhecimento humano (visto que dispensa e renega qualquer método). Como exemplo disso, tem-se a afirmação de Chalmers (1986):

[...] a rejeição de um método universal e de um padrão geralmente aplicável não equivale a rejeição de todos os métodos e todos os padrões, *como é sugerido por algumas declarações de Feyerabend*.<sup>4</sup>

Conseqüentemente, junto a essa atitude de rejeição existe a compreensão de que a filosofia anarquista defende, indevidamente, uma isonomia quanto às diversas formas de conhecimento. Assim, segundo seus críticos, Feyerabend falha ao defender para o curandeirismo os mesmos apoios que aqueles dados às ciências no que diz respeito às políticas públicas e a educação dentro da sociedade.

No tocante à *segunda* forma a qual Feyerabend é interpretado, ela é similar à primeira, porém, em vez de se interpretar o *anarquismo* (muitas vezes misturado

---

<sup>4</sup> CHALMERS, Alan. *The Galileo that Feyerabend Missed*. In J.A. Schuster and R.R. Yeo (eds). *The Politics and Rhetoric of Scientific Method*. Ed. Reidel Publishing Company, 1986, p. 2. (itálico nosso. Tradução nossa).

conceitualmente com o “*tudo vale*” em sua versão distorcida) como algo que elimina os critérios com o escopo de aceitar tudo, afirma-se que o anarquismo trabalha com todo e qualquer critério, simplesmente igualando e nivelando por baixo todos os critérios que estão disponíveis a um cientista imerso na investigação de um problema.

Quanto a isso, pode-se encontrar, por exemplo, associações de que o “*tudo vale*” (termo tipicamente feyerabendiano) supostamente representa um seguimento metodológico que levaria qualquer cientista a interpretar os critérios que possui sem qualquer diferenciação. El Hani e Mortimer em 2007 ao utilizarem Cobern (2000), exemplificam como este último vê o “*tudo vale*”, assim escrevem:

Se qualquer coisa é uma mentira (ou se qualquer coisa é verdade), então qualquer coisa é permitida. Cobern (2000) defende que o relativismo, concebido como uma visão segundo a qual qualquer afirmação pode ser igualmente verdadeira ou igualmente falsa é uma busca de cinismo. [...]. Cobern distingue vigorosamente o pluralismo do relativismo por meio da afirmação de que o pluralismo não entende que todos os membros da pluralidade são iguais. Este [o pluralismo] não é o caso de “*tudo vale*”, quer na ciência ou na educação da ciência (Cobern 2000)<sup>5</sup>.

A princípio, cabe destacar sobre essa citação que deve-se ter em conta como ponto de partida o fato de que “*tudo vale*” e *pluralismo* são expressões feyerabendianas e que seria incorreto então separar *pluralismo* do princípio de “*tudo vale*” (já que quando bem definidos, eles se complementam dentro do todo da filosofia de Feyerabend), tal como de outro modo, é igualmente incorreto associar “*tudo vale*” ao *relativismo* nos moldes em que este último foi definido por Cobern.

Não obstante, sigamos por um momento a Cobern quanto ao último parágrafo dessa citação e suponhamos: se o pluralismo não é o caso de “*tudo vale*”, então seguir-se-á que o relativismo sim é que seria o caso de “*tudo vale*”.

Nesta linha, desde quaisquer dos dois modos a que se apresente o anarquismo (identificado ao “*tudo vale*”), isto é, como a afirmação de que qualquer coisa é verdade ou como a de que qualquer coisa é mentira, um cientista que decidisse seguir esse princípio seria um relativista extremo e conseqüentemente, de acordo com essa proposta, tal situação levaria a ciência e o conhecimento a uma paralisação.

A princípio, parece que essa conclusão se impõe necessariamente como verdadeira. Contudo, só é assim se houver uma aceitação das premissas utilizadas por Cobern para

---

<sup>5</sup> EL HANI & MORTIMER 2007, p. 664. (tradução nossa).

definir conceitualmente *pluralismo*, *relativismo*, “*tudo vale*” e a separação entre esses elementos.

Obviamente, não partimos do mesmo entendimento sobre a filosofia *pós-modernista* de Feyerabend e, dentre os motivos que podem ser elencados para tal defesa, há basicamente dois.

O primeiro é a descontextualização de alguns trechos dos escritos de Feyerabend e o segundo, é o modo como devem ser interpretados alguns aspectos de sua filosofia e a terminologia presente nela. Quanto a essa última, pode-se inicialmente mostrar o que disse Suárez (2008) em seu livro sobre Feyerabend:

O “tudo vale” é também uma estratégia argumentativa que leva em si uma boa dose de crítica contra o monismo teórico e metodológico; se trata também de mostrar que a proposta da obra deve ser buscada em outros elementos. Neste sentido, a idéia central de Feyerabend é que sua posição epistemológica acaba sendo “mais uma atitude que uma teoria”.<sup>6</sup>

Essa citação mostra, ainda que só estejamos iniciando, como o anarquismo feyerabendiano e o “*tudo vale*” parecem ser mal-interpretados. A filosofia anarquista de Feyerabend é geralmente identificada como uma inimiga da ciência e favorável a toda forma de conhecimento que não científica. Assim, bem nos lembrou Regner (1996):

Paul Karl Feyerabend, pensador austríaco (1924-1994), é um dos críticos mais perspicazes das análises usualmente propostas, chamado em rodas mais fechadas de “terrorista epistemológico” e por alguns físicos, mais recentemente, de “o pior inimigo da ciência” [...].<sup>7</sup>

Contudo, não parece ser essa a visão de Feyerabend, pois quanto a isso ele mesmo se defende: “Não sou um inimigo da ciência. Eu elogio seus praticantes mais notáveis e sugiro que seus procedimentos sejam adotados por filósofos (FEYERABEND 2007, p. 176, nota)<sup>8</sup>”.

Na realidade, Feyerabend não ataca as ciências, senão que a postura quase dogmática que os atores da atividade científica preconizam. Neste sentido, Feyerabend

<sup>6</sup> SUÁREZ 2008, p. 106. (tradução nossa).

<sup>7</sup> REGNER, Ana Carolina. *Feyerabend e o pluralismo metodológico*. Epistême: Filosofia e História das Ciências em Revista. Porto Alegre, v.1, n.2, 1996, p. 231.

<sup>8</sup> De modo análogo, pode-se encontrar a mesma idéia na primeira edição. Cf. FEYERABEND 1977, p. 464.

não tem o objetivo de atacar as ciências, mas o revestimento *racionalista* de que esta se trata de uma atividade sacrossanta<sup>9</sup>. Deste modo, Feyerabend diz:

*Dada a ciência, a razão não pode ser universal e a sem-razão não pode ver-se excluída. Essa peculiar característica do desenvolvimento da ciência empresta forte apoio a uma epistemologia anárquica. A ciência não é **sacrossanta**.*<sup>10</sup>

A idéia presente na citação de que “a razão não pode ser universal” é uma boa pista do que pretende Feyerabend com seu anarquismo. Isto é, segundo nosso autor, uma racionalidade que se pretende Una e de efetiva abrangência universalista está fadada ao dogmatismo comumente visto nas igrejas e ao fracasso enquanto ferramenta de pesquisa, pois perde consideravelmente a capacidade de resolução de problemas (ainda que esta capacidade não seja suficiente para distinguir ciência de não-ciência).

Esse é precisamente o ponto teórico não só a que pretende chegar Feyerabend, senão também de onde ele pretende que se partam as pesquisas. Neste sentido, sua epistemologia se reveste de um praticismo que parece ser produtivo não apenas para a ciência, senão também para as áreas que fazem parte dela, tal como a comunicação da ciência.

O termo praticismo aqui utilizado, não mantém relação imediata com a corrente filosófica americana pragmatista<sup>11</sup>, que grosso modo, valoriza mais o aspecto empírico sobre o teórico e que, por esta forma de valorização se afasta do fim feyerabendiano que desejamos explorar com o termo.

Praticismo em Feyerabend é algo que se relaciona com o resultado que surge para o *progresso* (ainda que não se tenha certeza imediata de que houve progresso) do conhecimento quando a razão caminha somada à prática, nos fazendo sugerir que “razão e prática não são dois tipos diferentes de entidade, [que trabalhariam separadamente na resolução de problemas de pesquisas], mas *partes de um único processo dialético*”<sup>12</sup>.

Neste sentido, a prática deve ser entendida (se pensarmos, por exemplo, na ciência) como aquilo que um cientista considera (sem qualquer receio de ferir alguma metodologia) estar envolvido em sua pesquisa, ou seja, todos os elementos que ele

<sup>9</sup> FEYERABEND 2007, p. 289.

<sup>10</sup> FEYERABEND 1977, p. 279. (negrito nosso).

<sup>11</sup> Naturalmente, esta é uma definição muito grosseira de uma corrente tão extensa e frutífera. Assim que recomendamos o livro de Lovejoy intitulado de *Os treze pragmatismos* aqui referenciado.

<sup>12</sup> FEYERABEND, P. *Contra o Método*. Trad. Cezar Augusto Mortari. 3ª ed. São Paulo: UNESP, 2007, p. 301. Original: FEYERABEND, Paul. *Against Method*. Third edition, New York: Verso, 1993. (colchetes nosso).

realmente tem acesso devem ser utilizados, tais como: a história, o possível uso de recurso *ad hoc*, elementos externos<sup>13</sup> à ciência e etc.

De acordo com isso, talvez fosse possível atribuir à filosofia feyerabendiana um adjetivo pragmatista<sup>14</sup>, mas apenas do seguinte modo:

Chamarei a filosofia subjacente a esse tipo de atitude por parte de um participante de uma *filosofia pragmática*.

Uma filosofia pragmática pode florescer apenas se as tradições a serem julgadas e os desenvolvimentos a serem influenciados são vistos como artifícios temporários e não como constituintes duradouros de pensamentos e ação. [...].

Poucos indivíduos e grupos são pragmáticos no sentido que acabo de descrever, e pode-se ver por quê: é muito difícil para alguém ver na perspectiva correta – como partes de uma tradição cambiante e, talvez, absurda – as próprias idéias mais estimadas<sup>15</sup>.

De fato, é justamente esse ponto da filosofia de Feyerabend que nos conduz como uma bússola em direção a um melhor entendimento da categoria de anarquismo enquanto estando de acordo com a filosofia de Feyerabend a respeito da ciência, da filosofia da ciência e de suas posições frente à sociedade.

Deste modo, uma *infidelidade* epistemológica e metodológica parece ser o termo melhor atribuível e associável com o anarquismo feyerabendiano, pois ela garante que a todas as formas de conhecimento sejam dadas possibilidades de diálogo com a sociedade e com aquela forma de conhecimento que, num determinado momento, esteja sendo o paradigma vigente da sociedade ocidental ou oriental ou a ambas.

### **3-A filosofia de Feyerabend e suas implicações na comunicação da ciência e na sociedade**

Vimos que a filosofia de Feyerabend, quando analisada nos moldes apresentados acima, pode conectar-se com elementos que permitem um *progresso* e um interesse direcionados a uma busca de fertilidade enquanto resolução de problemas da pesquisa

---

<sup>13</sup> FEYERABEND 1977, p. 273.: “Fatos, em crescente número, são *descobertos* (ou construídos com o auxílio das expectativas) e, a seguir, explicados por teorias. Não há garantia de que o homem venha a resolver todos os problemas e a substituir cada teoria refutada por sucessora capaz de satisfazer as condições formais. A invenção de teorias depende de nosso talento e de outras circunstâncias fortuitas, como, digamos, uma equilibrada vida sexual.”

<sup>14</sup> LOVEJOY Arthur O. *The Thirteen Pragmatisms*. Lancaster: the Science Press, *Journal of Philosophy*, 1908.

<sup>15</sup> FEYERABEND, P. *Contra o Método*. Trad. Cezar Augusto Mortari. 3ª ed. São Paulo: UNESP, 2007, p. 293-4. Uma explicação similar sobre a necessidade prática de solução para um problema científico se encontra também em FEYERABEND 1977, p. 297.

científica. Mais atentamente, agora veremos que a filosofia de Feyerabend está também relacionada com a comunicação da ciência<sup>16</sup> e com a sociedade (enquanto alvo dessa comunicação).

Hoje em dia, a ciência se encontra com problemas de variadas dimensões e formas, entre alguns desses problemas, estão aqueles gerados pelo modo com que ela é comunicada. A razão para isso é a crescente consciência de que a ciência juntamente com seus elementos externos não pode ser um produto de máquinas, senão da atividade humana e social<sup>17</sup>. Esta forma de fazer ciência tem atualmente recebido bastante atenção dos pesquisadores<sup>18</sup>.

Não obstante, vale ressaltar que a importância para se discutir a comunicação da ciência está, além das claras questões epistêmicas que se impõem, no fato de que essa área ganhou reconhecimento quanto à sua influência social e sobre o direcionamento das próprias pesquisas científicas. Assim, o professor Alfredo Marcos que é especialista em filosofia e comunicação da ciência escreveu:

Hoje em dia, a comunicação científica é uma chave imprescindível para o correto funcionamento de nossa sociedade e tem efeitos em todas as direções, não apenas sobre o público, senão também sobre a ciência, a tecnologia e o sistema político<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> A comunicação da ciência possui várias ramificações conceituais e, assim, vale à pena esclarecer sinteticamente as mais básicas, tal como esclarecido por Alfredo Marcos em seu livro *Ciencia y acción. Una filosofía práctica de la ciencia*. FCE. Mexico, 2010, cap. 6. Assim, os termos são: 1-Comunicação social da ciência (CSC) – Este tipo de comunicação pode ser definida da mesma forma que é definida a categoria geral *comunicação da ciência*, mas no caso da CSC suas reflexões são dirigidas especificamente para as conseqüências da categoria geral na sociedade. 2-Difusão/disseminação – Coloca ênfase no emissor, mas há um aspecto de grande importância a respeito da necessidade de estender a mensagem sem ter que adaptá-la ao receptor. Normalmente, usa-se metaforicamente a luz para aludir a essa forma de comunicação, pois a luz se propaga em todas as direções e de modo homogêneo. 3-Divulgação – Enfatiza a mensagem no receptor e assim tenta positivamente adaptá-la, por isso exclui a comunicação entre especialistas nos mesmos campos. Este termo é mais comum na Espanha. 4-Popularização – Equivale a 3, mas é pouco utilizado na Espanha. Isto é, não se trata de uma questão conceitual, e sim idiomática. No inglês, este termo é utilizado com a mesma conotação que *divulgação* o é na Espanha. 5-Vulgarização – Tem a mesma necessidade de adaptar a mensagem que 3 e 4, mas ganhou conotações pejorativas no português e no espanhol, ainda que na França não tenha ganhado essa forte característica. 6-Jornalismo científico – É um jornalismo especializado em conteúdos e atividades científicas ou tecnológicas. Assim, não é apenas um gênero de comunicação da ciência, senão uma atividade autônoma sobre as formas de conduta e produção científica. 7-Jornalismo científico de opinião – É uma espécie de opinião jornalística sobre a atividade da ciência. Nesta atividade não é necessário que o emissor tenha formação acadêmica ou compromisso com os elementos básicos do item 6.

<sup>17</sup> FEYERABEND, P. *Contra o Método*. Trad. Cezar Augusto Mortari. 3ª ed. São Paulo: UNESP, 2007, cap. 1-2 e prefácios.

<sup>18</sup> MARCOS 2010, p. 179-182.

<sup>19</sup> MARCOS 2010, p. 188.

Com efeito, a comunicação da ciência mantém desde sua origem uma relação dialógica com o conhecimento, a sociedade e, muito claramente, com a obtenção de poder de controle sobre o tipo de pesquisa que vai receber mais financiamento, mais apoio do público, mais apoio político, etc.<sup>20</sup> Assim, disse Feyerabend:

Não há nada inerente na ciência (exceto o desejo dos cientistas de viver suas vidas à custa dos demais) que proíba muitos desenvolvimentos científicos, embora em escala menor, tem sido exatamente do mesmo tipo e, ademais, faz muito tempo que o negócio da ciência – que vive da sociedade e reforça tendências totalitárias – ocupou o lugar de uma ciência independente<sup>21</sup>.

Assim que, refletir sobre a ciência e sua comunicação é ficar obrigado a pensar também na relação de poder e influência acima mencionada. Justamente devido a isto, a filosofia feyerabendiana nos conduz a tal relação por meio de uma rota que contém durante seu itinerário, elementos que são importantes não apenas para favorecer o desenvolvimento da comunicação da ciência, senão também para a formação de um público crítico<sup>22</sup> (o qual se forma através de, entre outros, o âmbito educacional), pois como bem nos lembrou Feyerabend, esse público não pode ser reflexivas como *ovelhas*<sup>23</sup>.

A base para tal favorecimento não apenas descansa fundamentalmente sobre a relação entre *razão e prática*, mas sobre os princípios que regem a estrutura de *Ciência em uma sociedade livre*. Deste modo, pondo agora a relação entre razão e prática num plano de fundo da discussão, é necessária uma análise sobre o que para Feyerabend governa uma ciência numa sociedade livre.

### **3.1-A comunicação da ciência em uma sociedade livre.**

Em *Ciência em uma sociedade livre*, Feyerabend mostra uma preocupação sobre alguns elementos que ele acreditava serem muito importantes para o desenvolvimento do conhecimento. O primeiro e, talvez mais importante, desses elementos seja a idéia humanista de liberdade de escolha do indivíduo<sup>24</sup>, independente de que essa escolha seja um NÃO ou um SIM à ciência.

---

<sup>20</sup>FEYERABEND 1988, p. 84-5.

<sup>21</sup>FEYERABEND 1988, p. 116.

<sup>22</sup>FEYERABEND 1988, p. 98-9.

<sup>23</sup>FEYERABEND 1988, p. 100.

<sup>24</sup> Na realidade, Feyerabend usa como base a idéia de liberdade encontrada na obra de Stuart Mill *On Liberty*.

Em tal elemento está a base para uma sociedade livre, a saber, o respeito por outras tradições de conhecimento<sup>25</sup> e, logo, pelo direito de que estas não podem ser descartadas e rejeitadas simplesmente por argumento *ad verecundiam*<sup>26</sup> a favor da ciência ou de qualquer outra tradição em vigor.

De acordo com Feyerabend, a própria ciência no deve esquecer-se disso, pois ela mesma foi em outros tempos uma tradição de segunda ou terceira importância frente a tradições como a religião e o curandeirismo<sup>27</sup>. A liberdade exigida pela ciência em outras épocas não deve ser negada agora por ela mesma a outras formas de saber. Assim, disse Feyerabend:

*Em uma democracia um cidadão tem direito a ler, escrever e fazer propaganda daquilo que mais lhe estimule. Se ele fica doente, tem direito a ser tratado de acordo com seus desejos, sejam curandeiros (se acredita no curandeirismo) ou por médicos.*<sup>28</sup>

No entanto, tal citação pode nos conduzir na direção de uma espécie de relativismo que não faz justiça a filosofia de Feyerabend. E é certo que de fato não o faz porque enuncia, nosso autor, o segundo elemento destacado dentro da estrutura de *Ciência em uma sociedade livre*<sup>29</sup>, a concepção de *interação*<sup>30</sup>.

Segundo a *concepção de interação*, uma forma de conhecimento está sujeita a interação com outras formas de conhecimento. Assim, é esse *princípio* que, ao funcionar entre as tradições, é o responsável pela manutenção do diálogo e pela desarticulação do relativismo feyerabendiano enquanto visto como um fator que promove por meio das infinitudes de variações, a impossibilidade de diálogo entre tradições<sup>31</sup>.

A concepção de interação e a concepção de liberdade em Feyerabend não apenas se mostram em estrita conexão entre si, senão que se aproximam do problema ou preocupação que atualmente se manifesta na comunicação da ciência.

Referimo-nos a que, com as novas tecnologias, as formas e ferramentas para fazer divulgação do conhecimento se ampliaram de uma maneira que cada vez é mais crescente a presença de comunicações da atividade científica onde o compromisso

---

<sup>25</sup> SUÁREZ 2008, p. 133.

<sup>26</sup> FEYERABEND 1988, p. 85.

<sup>27</sup> FEYERABEND 1977, 461.

<sup>28</sup> FEYERABEND 1988, p. 99. *Ênfase adicionado.*

<sup>29</sup> SUÁREZ 2008, p. 132-133.

<sup>30</sup> FEYERABEND 1988, p. 25.

<sup>31</sup> FEYERABEND 1988, p. 95.

(ético-político e epistêmico) do autor com o objetivo de uma argumentação coerente e com uma pesquisa sobre o tema tratado é deliberadamente tendenciosa ou unilateral.

Diante dessa situação, ponhamos aqui uma pergunta freqüente: são legítimos estes tipos de comunicações que não se preocupam com o compromisso do que é comunicado ou que a necessidade de tal compromisso pode não ter sido garantida pelo emissor? Para responder a essa pergunta, recordemos primeiro que no enfoque feyerabendiano não só existe a presença de um traço humanista, senão também que junto com este, as concepções de interação e liberdade dão forma ao que se chama em sua obra de *atitude aberta*<sup>32</sup>.

De toda sorte, defende-se aqui que quando Feyerabend se refere à liberdade e a igualdade de direitos para todas as tradições, seu objetivo é, simplesmente, concretizar a garantia de que não sejam negados às tradições e/ou às pessoas os direitos de aceder e lidar com o conhecimento e de se mover e receber suporte na e da sociedade. Isto é, que por parte dos cientistas não haja estímulos para proibir a existência de qualquer tipo de comunicações, inclusive aquelas sem fundamentação ou cheias de falácias<sup>33</sup>.

Deste modo, veja-se que quando unidos, os elementos descritos sustentam o fato de que em virtude de nossas diversas limitações, inclusive temporais sobre o conhecimento que *temos e ainda pior sobre o que não temos*, a ação de restringir o direito que uma pessoa tem de escrever, ler ou acreditar naquilo que prefira é também em potência uma restrição ao conhecimento em si enquanto potência e, logo, virtualmente ao próprio progresso.

Quiçá o que foi explicado até aqui possa ficar mais claro se mudamos a pergunta feita antes para a seguinte: é preferível que haja liberdade de comunicação ainda que o preço a pagar seja tanto a existência de pessoas comprometidas como a de pessoas não comprometidas, ou seja, que haja um jornalismo científico de opinião?

De maneira a evitar qualquer forma de cientificismo e a proteger a liberdade e a infidelidade metodológica já mencionada, a resposta feyerabendiana parece ser afirmativa. Contudo, se alguém quer opor-se a essa perspectiva, precisa antes se perguntar se proteger uma perspectiva supostamente *Una* seria mais proveitoso que a liberdade metodológica proposta por Feyerabend. Ademais, tem-se que lembrar de que

---

<sup>32</sup> FEYERABEND 2007, p. 37-8. FEYERABEND 1977, p. 30.

<sup>33</sup> SUÁREZ 2008, p. 135.

esse alguém precisaria considerar o fato de que a filosofia anarquista atua através de duas vias.

A primeira dessas vias trata das garantias políticas enquanto protetora do direito de busca pelo princípio de isonomia quanto ao espaço que cada tradição deve ter e; a outra via e mais fundamental é a questão epistêmica, a qual considera a fertilidade e a resolução de problemas da pesquisa como fatores mais importantes do que a integridade desta ou daquela teoria ou de uma suposta concepção de ordenação social que busca assegurar a unilateralidade de uma tradição.

Por outro lado, a comunicação da ciência se enfrenta hoje em dia com o problema de um aumento de más comunicações e com o crescimento de jornalistas, cientistas ou escritores sem habilidades epistêmicas ou éticas suficientes para escrever sobre tal. Esses tipos de emissores se aproveitam dos meios de divulgação da ciência para ganhar alguma visibilidade com o grande público e, freqüentemente, também algo mais.

Contudo, o que muitos filósofos vêem ser um problema (descuidadas ou tendenciosas comunicações) é mais bem, segundo Feyerabend, um aspecto inevitável para uma sociedade livre que se deseje democrática; e assim, na medida em que há o estabelecimento de um diálogo, essa tolerância ou liberdade desses tipos de comunicações acabam por se converter em algo interessante para o conhecimento em si mesmo. Sobre isso Feyerabend diz:

E não apenas tem direito a aceitar idéias, viver de acordo com elas e divulgá-las enquanto cidadão, senão também que – sempre que possa financiá-las ou encontre gente disposta a apoiar-lhe economicamente – pode formar associações para defender seu ponto de vista. Aos cidadãos se concede esse direito por duas razões: em primeiro lugar, porque todo mundo deve poder buscar o que acredite que é verdade ou a forma correta de atuar; em segundo lugar, porque o único modo de chegar a formar-se uma opinião útil do que se supõe que é a verdade ou a forma correta de atuar consiste em familiarizar-se com maior número possível de alternativas.<sup>34</sup>

A razão desta inversão é que, embora uma má comunicação (má fundamentada ou tendenciosa) possa ser por um lado fruto de um não-especialista pouco preocupado (epistêmica e socialmente) com o que escreve, ela por outro lado também pode ser fruto de um especialista em busca de conhecimento, atenção ou financiamento.

---

<sup>34</sup> FEYERABEND 1988, p. 99. (tradução nossa).

Deste modo, não podemos tampouco esquecer que uma “má” comunicação pode ser que esteja adjetivada dessa forma em virtude de seu caráter recente ou simplesmente por estar contra a tradição que de momento rege a sociedade.

Dito de outro modo, as conseqüências das reflexões da filosofia de Feyerabend nos convidam a pensar que si a ciência não é neutra, tampouco há garantias de que será sua comunicação quando é efetivada por cientistas, pois tanto os comunicadores da ciência (jornalistas, não-especialistas, investigadores) como os próprios cientistas são afetados por muitos elementos externos à ciência e, portanto, há que aprender a conviver com a necessidade de pensar e atuar sobre tal aspecto da atividade científica.

### ***3.1.1-O Compromisso do emissor e do receptor.***

Refletir sobre a comunicação da ciência pela via do último parágrafo significa que Feyerabend não apenas parece apoiar a existência do que atualmente se chama jornalismo científico de opinião, senão que tampouco questionaria seu valor inseparável.

Ademais, o problema que se costuma dizer que acompanha a essa forma de comunicação da ciência não é em realidade um problema em si mesmo, mas sim uma espécie de conseqüência imanente “desejável” para o caso de que tentemos seguir mantendo vivo o princípio de liberdade que deve ficar subjacente à atividade científica.

Não obstante, tais observações acerca da filosofia feyerabendiana sobre a comunicação da ciência nos conduzem a outro aspecto muitas vezes despercebido quando tocamos no tema da comunicação, a saber, o compromisso do emissor quando comunica e do receptor quando se informa de algo.

O problema de um tipo de comunicação da ciência como no caso de um jornalismo de opinião (e também para outros casos) é que na posição de receptores/leitores de alguma comunicação temos, com grande freqüência, delegado inteiramente a responsabilidade do compromisso com a *veracidade do tema tratado* para os ombros do autor/emissor.

No entanto, o que se precisa destacar aqui é que tampouco podemos esquecer que ler ou acreditar em algo denota invariavelmente uma carga de compromisso do receptor, da qual este não pode fugir ou delegar a outrem (ainda que neste momento a maior parte de nós, não pense dessa maneira).

Deste modo perguntamos: quando acreditamos naquilo que lemos, acreditamos por que refletimos, contrastando com outros argumentos opostos acerca do mesmo tema, por que conhecemos bem a área, por que fizemos mais pesquisas sobre o tema, etc.; ou simplesmente por que pensamos que não há razões pessoais, nem qualquer tipo de *truque* ou má inclinação no caráter do emissor (seja um cientista ou não) que o conduziria a agir desse ou daquele modo<sup>35</sup>? E, quando lemos algo acerca de, por exemplo, *teoria da reencarnação*, nós não acreditamos em tal teoria por que não há argumentos que a fundamente ou por que estes argumentos não são científicos – embora se saiba que a definição de ciência e método científico seja relativamente confusa?

Cabe ainda dizer que atualmente, há muitos cientistas que investigam a teoria da reencarnação, assim que, estarão estes cientistas privados de comunicar suas pesquisas simplesmente por que não se encaixam no modelo metodológico prescrito pela ciência física ou psicológica (se considerarmos esta como ciência)?

É preciso recordar o fato de que não sabemos se no futuro, a ciência continuará desfrutando do *status* atualmente gozado. Assim, as comunicações que hoje são desconsideradas por estarem fora do modelo que a ciência (ainda que este termo não represente uma única área ou método) preconiza não devem ser eliminadas, pois adiante poderá vir à cena com força.

Em geral, não esqueçamos que somos parte da ciência (as ciências não são ministradas por super-robôs, mas por humanos) e se em algum caso nos caiba julgar, eleger ou rejeitar alguma pesquisa, haveremos de adotar critérios para isso, porém, em nenhum caso devemos sustentar algum tipo de juízo valorativo sobre uma ou outra tradição cultural.

No entanto, sempre que, ainda que por casualidade, tenhamos que deliberar acerca de uma tradição ou sobre que tipo de comunicação acreditar, não se deve esquecer que “a opinião dos especialistas será logicamente tida em conta, porém a última palavra eles não a terão<sup>36</sup>”. Assim, escreveu nosso autor:

Possui o homem da rua os conhecimentos precisos para tomar este tipo de decisão? Não cometerá ele graves erros? Não resulta, portanto, necessário deixar nas mãos dos especialistas as decisões mais importantes?

---

<sup>35</sup> Cf. TROCCHIO, Federico di. *Las mentiras de la Ciencia*. Madrid: Alianza, Cap-1, 1997.

<sup>36</sup> FEYERABEND 1988, p. 100.

Uma democracia é um coletivo de pessoas maduras e não um rebanho de ovelhas guiado por um pequeno grupo de sabe-tudo<sup>37</sup>.

Portanto, segundo Feyerabend, não há razão para temer que a comunicação da ciência esteja de acordo com o que ele considera *atitude aberta*, pois essa atitude aberta garante justamente a liberdade necessária para o progresso do conhecimento, ainda que tal liberdade origine, simultaneamente, inevitáveis comunicações de baixa qualidade.

#### **4-Considerações finais**

A filosofia feyerabendiana tem sofrido com más interpretações e tem perdido muito espaço dentro das universidades e mesmo nos departamentos de filosofia.

Como consequência, os principais elementos da filosofia feyerabendiana deságuam em muitos elementos, tais como questões sociais, científicas e etc. (tal como aclarado por Múnevar, D. Lamb, J. Preston). Estas implicações também recaem sobre a comunicação da ciência e assim, ajudam a compreender que não só a filosofia de Feyerabend apresenta uma faceta distinta daquela que comumente se ataca, senão também que ao invés de prejudicar a ciência e seus elementos externos e internos, traz benefícios.

Portanto, esperamos que tenha ficado claro que em função da grande variedade de possibilidades de reflexões temáticas que se encontram no nosso autor acerca do conhecimento científico, vemos que há também muito fortemente o estabelecimento de uma relação entre conhecimento, sociedade e as formas de transmissão de conhecimentos. Precisamente, em virtude de tais relações evidenciadas também em todas as obras de grande importância de Feyerabend, a comunicação da ciência, ainda que não haja sido exatamente pensada por nosso autor, ocupa genericamente espaço dentro das preocupações feyerabendianas sobre o desenvolvimento, trajetória e interferência do conhecimento e da atividade científica frente a sociedade.

#### **5-Referencias**

CHALMERS, A. *The Galileo that Feyerabend missed*. In: SCHUSTER, J.A. & YEO, R.R. *The Politics and rethoric of scientific method*. Ed. Reidel Publish Company, 1986, p. 1 -31

---

<sup>37</sup> FEYERABEND 1988, p. 100.

- EL HANI, Charbel & MORTIMER, Eduardo. *Commentary: Multicultural education, pragmatism, and the goals of science teaching*. Cultural Studies of Science Education, 2007.
- FEYERABEND, P. *Adiós a La Razón*. Barcelona: Ediciones Altaya, 1995.
- FEYERABEND, Paul. *Against method*. Third edition, New York: verso, 1993.
- FEYERABEND, P. *Contra o Método*. Trad. Cezar Augusto Mortari. 3ª ed. São Paulo: UNESP, 2007.
- FEYERABEND, P. *La ciencia en una sociedad libre*. México: Siglo XXI, 1988.
- KUHN, Thomas S. *Lógica del descubrimiento o psicología de la Investigación*. In: Lakatos, I. & Musgrave, A., (1965) *La Crítica y el desarrollo del conocimiento*, Barcelona-México: Grijalbo, 1974, p.81-114.
- LOVEJOY Arthur O. *The Thirteen Pragmatisms*. Lancaster: the Science Press, *Journal of Philosophy*, 1908.
- MARCOS, A. *Ciencia y acción. Una filosofía práctica de la ciencia*. FCE, México, 2010.
- MARCOS, A. *Una teoría de la divulgación de la ciencia*. Revista Colombiana de Filosofía de la Ciencia, 2002, 6 y 7: 7-40.
- MARCOS, A. *Periodismo científico. ¿De opinión?* In: N. Horenstein, L. Minhot y H. Severgnini (eds.), *Epistemología e historia de la ciencia*, Universidad Nacional de Córdoba, Córdoba (Argentina), 2002a, pp. 239-245.
- MARCOS, A. *Una medida general de la información*. In Cavero, J. M., Vela, B. y Marcos, E. (eds.), *Aspectos filosóficos, psicológicos y metodológicos de la informática*, Dykinson, Madrid, 2005, pp. 57-64.
- MILL J. S. *Sobre la Libertad*. Trad. Josefa Sainz Pulido, Buenos Aires: Ediciones Orbis, 1971.
- MUNÉVAR, G. *Beyond Reason: Essays on the Philosophy of Paul Feyerabend*. Dordrecht: Kluwer, 1991, IX.
- PRESTON, J.M. *Feyerabend: Philosophy, Science and Society*. Cambridge: Polity Press, 1997.
- REGNER, Ana Carolina. *Feyerabend e o pluralismo metodológico*. Epistème: Filosofia e História das Ciências em Revista. Porto Alegre, v.1, n.2, 1996.
- SUAREZ, Rodolfo. *Feyerabend*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2008.
- TROCCHIO, Federico di. *Las mentiras de la Ciencia*. Madrid: Alianza, 1997.